

ENTRE O INFINITO E O NADA: DESCONSTRUÇÕES DE FIM DE ANÁLISE¹

Rita Smolianinoff²

Nenhum discurso pode dizer a verdade.
(LACAN)³

Em que aposta o Sujeito quando endereça uma demanda de cura para seu sofrimento, supondo ao analista um saber sobre a sua verdade?

De que forma pode o psicanalista então, operar, uma vez atravessado por sua própria análise, tendo deixado ele próprio atrás de si um Outro destituído e na posição de resto (o seu próprio analista que caiu para uma posição de objeto *a*), o que significa operar a partir de seu próprio não saber?

Essas foram algumas das questões que me ocorreram do estudo do Seminário 16 de Jacques Lacan e do tema de nosso simpósio deste ano, “O Saber e a Verdade em Psicanálise”.

Na busca de subsídios teóricos e considerando o tema proposto, que tem como principal referência o Seminário 16 de Lacan, decidi me debruçar sobre “a aposta de Pascal”, ponto que me chamou a atenção porque, já tendo passado por outros seminários anteriormente, não havia me apercebido do quanto a obra deste matemático e filósofo está presente no ensino lacaniano e de sua importância para os seus desenvolvimentos teóricos, ao longo de 18 de seus seminários.

Dentro do vasto tema “O Saber e a Verdade em Psicanálise”, cuja abrangência me parece se estender a toda a disciplina psicanalítica, “a aposta de Pascal”, que aponta para a função do psicanalista enquanto Sujeito suposto Saber, introduz as questões da “constituição do Sujeito” e da “constituição do Outro”, bem como os desdobramentos que culminam na formação do psicanalista.

¹ Texto apresentado no Simpósio de Brasília de Interseção Psicanalítica do Brasil, Manhattan Plaza Hotel, 13-14/09/2013.

² Psicanalista, membro de Interseção Psicanalítica do Brasil/PE. E-mail: rs@hotmail.com.br.

³ LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 16, De um Outro ao outro.*

Inicialmente tentei - mas não consegui - me ater ao Seminário 16. Foi necessário que percorresse um pouco a incidência da “aposta de Pascal” (e do próprio Pascal) ao longo da obra de Lacan.

Vamos encontrar sua presença já no Seminário 2, *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, justamente no capítulo intitulado “Introdução ao Grande Outro” (p.296 e segs.), quando cita Pascal no trecho em que se trata do “silêncio eterno dos espaços infinitos” que tanto o aterrorizava; penso que Lacan antecipava a entrada em cena do “Infinito nada” do que adiante se servirá mais amplamente e com mais precisão (LACAN, 2008[1954/1955]).

Do Seminário 13, *O Objeto da Psicanálise* (LACAN [1965/1966])⁴, trago dois recortes notáveis, a meu ver, por dizerem respeito a esses dois conceitos fundamentais: a função do objeto *a* e a constituição do *Outro*.

O primeiro é aquele em que Lacan revela que neste seminário (datado de 1965/1966) ele ensinará a colocar a função do objeto *a* através de uma série topológica que não é outra senão a “aposta de Pascal” (LACAN, [1965/1966], lição 9 de 12.02.1966). O segundo recorte, extraído da lição seguinte (de 12.02.66) é quando ele diz que “A aposta está na *aposta de Pascal* sobre a existência do outro”. Destaco que na versão em espanhol de que disponho, “outro” está grafado com "o" minúsculo. E continua Lacan: esta aposta consiste em apostar que Deus existe ou que Deus não existe, ambas as possibilidades separadas por uma barra. Vale à pena ler este trecho:

Se Deus não existe, não há aposta, já que não há Outro nem aposta. Muito longe disso, a estrutura que adianta a aposta de Pascal é a possibilidade não somente fundamental, mas, eu diria essencial, estrutural, ubíqua em toda estrutura do sujeito, que o campo em relação ao qual se instaura a reivindicação do A, o objeto do desejo, é o campo do Outro, enquanto dividido em relação ao próprio ser, que é o que está em meu grafo como S(A barrado). (LACAN, [1965/1966 aula de 02.02.1966]).

No Seminário 16 podemos ler que “a aposta de Pascal” não deixa de se articular ao “que podemos chamar de a palavra do Outro, e a palavra do Outro concebida como verdade.” (LACAN, 2008 [1968/1969], p.168). A verdade e o saber se articulariam diretamente à aposta de não saber a verdade em uma aposta de que um Outro a saiba.

⁴ A tradução livre de todas as citações em espanhol é minha.

Na prática clínica, podemos acompanhar que, ao longo de incontáveis sessões, o Sujeito relata suas querelas com a vida, sua dor de existir, suas crenças e descrenças, suportando um certo silêncio do analista como resposta; embora não radical, este silêncio é, em si, um convite a que ele próprio responda às suas perguntas, uma aposta que o analista faz na emergência desse Sujeito.

Demandando um saber sobre a sua verdade, do fundo de suas indagações, o analisante parece estar dizendo que nada quer saber sobre a sua castração: “É você quem sofrerá se me demandar a verdade (...). Você não gozará de minha verdade e é por isto que lhe suponho saber.” (LACAN [1965/1966] aula 9 de 02.02.1966).

Toda aposta é um jogo: “cara ou coroa?” (LACAN, 2008 [1966] p.123). O parceiro existe ou não existe? O lado fascinante da aposta produz uma confusão que só se dissipa quando se percebe que aqui se trata do Nome-do-Pai, escolha que consiste, então, na existência ou inexistência do Outro. A este respeito, Maria Bernadette Pitteri (PITTERI, 2012) cita Pascal:

“... ao que sua existência promete e sua inexistência permite: a aposta coloca algo que se refere ao real absoluto – trata-se do que não se pode saber *se é, nem o que é*. Infinito versus Finito, pois, segundo Pascal, “sabemos que há um Infinito. E ignoramos sua natureza. [...] Mas não sabemos o que ele é [...] Pode-se pois, reconhecer que há um Deus sem saber o que ele é”.

Sobre esse jogo entre analisante e analista, tornado possível a partir da concordância inicial de ambos com as condições dadas pela palavra “do jogador que presidiu essa cessão de valor que institui o Outro” (FERNANDES, s/d), Lacan procura nos introduzir a uma transposição da situação radical do *Infinito nada* de Pascal, aproximando, conforme FERNANDES (s/d).

“... essa “relação fundamental entre a instituição do Outro, a produção do sujeito em função de algo que se coloca como perdido e a questão paradoxal da “escolha da neurose”. (...) É nessa relação com o Outro, instituído como tal pelo consentimento de uma perda que nos constitui como sujeitos de um jogo que somos obrigados a jogar (pulsão), que recebemos nossa própria mensagem invertida”.

Entre o Infinito e o nada

A morte só pode ser uma entre duas coisas – ou o fim de tudo, ou o começo de uma nova vida, o que é indecível, a menos que se morra (PITTERI, 2012).

Para Pascal, o Infinito seria um dos pontos limites na vida, em contraponto ao Nada. Seria, assim, uma espécie de todo não fechado (como o universo do discurso). Considerado enquanto atual, a partir do jogo fundamental, esse Infinito está implicado e jogamos com ele, mas não o entendemos, muito menos podemos absorvê-lo ao saber. Assim, o “Nada” seria o outro desses dois pontos limites. Conforme FERNANDES (2007/2008):

O Nada seria o caso de não se ter nascido – zero vida; nesse caso, não há... (...) o que dizer. O Nada também significaria o antes: um dia tendo nascido..., antes disso, onde estávamos antes de nascer? Uma vez nascidos, podemos supor um Nada. Mas, é claro que, uma vez nascidos, somos ou mais, ou menos, que Nada, mas não somos mais Nada. O fato de ter nascido implica algum vestígio, um traço, Lacan dirá, uma marca.

Sobre o que é uma aposta, Lacan aponta que o que provoca temor no início é o que, à maneira como Pascal coloca, se põe em jogo: “Deus é ou não é”. Lacan (LACAN, [1965/1966] Aula 9 de 02.02.1966) interroga para que lado nos voltaremos, num contexto em que a razão nada pode determinar. No caos infinito tudo nos separa:

Joga-se um jogo (...) no extremo desta distância infinita onde acontecerá o “cara ou coroa”. Jamais esta distância infinita – a saber, o que ela quer dizer, foi verdadeiramente levada em consideração (LACAN [1965/1966]).

Instalado na “solidão de sua finitude” (POLAK, s/d), entre enlaces e desenlaces de significantes que parecem estar em constante errância dentro da infinita cadeia do inconsciente, assim navega o Sujeito, nesse espaço aberto do simbólico, nos reportando, muitas vezes, a sua angústia por um vazio do qual nada sabe falar. Revoltado contra o

limite da linguagem, o Sujeito lacaniano se revolta nela, “aspirando ao infinito no exílio do finito” (ALMEIDA, 2002).

O que se poderia pensar, a propósito da posição mítica do Outro enquanto inexistente, inconsistente, à luz deste Nada de Pascal? Se o “nascimento” do Sujeito resulta de uma operação a partir da qual também “nasce” um Outro, antes dessa operação, conforme nos ensina a psicanálise, certamente não haveria um “Nada”, mas um pré-sujeito engendrado para sair da posição de objeto e emergir enquanto ser de Desejo.

Afinal, existe o “nada”? “... no mundo em que nós vivemos, no qual não existe Outro universal, não há Outro absoluto correlacionado ao Nome-do-Pai” (GUÈGUEN, 2007/2008).

Ao sujeito da psicanálise, conforme formulado por Lacan, corresponde um conceito de Outro como aquele a quem se supõe um saber. Esse desenvolvimento se dá a partir de Descartes e nesta perspectiva se pode pensar que o Outro tem consistência, logo existe. Ao deslocar de Descartes a Pascal esse conceito, Lacan pôde redefini-lo como aquele que está em todo lugar e, ao mesmo tempo, não está em lugar nenhum: incompleto, inconsistente, para existir depende de uma aposta que o Sujeito faz nele, sem sequer saber que o está fazendo. (GUÈGUEN, 2007/2008).

Como em Pascal a aposta se dá em relação à existência de Deus (que, em si, tem o atributo de ser infinito, onisciente, onipresente e onipotente), a aposta num Outro também o eleva, de certa forma, à mesma condição: inundado pela transferência, o Sujeito deposita no seu analista esta crença de um saber sobre o seu sofrimento.

Desconstruções de fim de análise

Aletheia (a Verdade) nunca se revela por inteiro.

E o Outro, existe ou não existe? Segundo Lacan, “Amar é amar um ser além do que parece ser” (LACAN, 1985 aula de 07.07.54) “O analista é, com efeito, o sujeito suposto saber, suposto saber tudo, salvo no que diz respeito à verdade do paciente”. (LACAN, [1965/1966] aula de 02.02.1966).

Enquanto criação de cada um, a partir da interlocução com interlocutores concretos, pode-se pensar que o Outro não existe. Importante, porém, acrescentar, que ele “não existe sem o desejo”, pois é uma construção que se erige na medida de um desejo transmitido a partir da linguagem, alojando o gozo de cada um “tudo o que o sujeito não poderia saber de si próprio”. Valendo-se de interlocutores concretos, o sujeito nasce do desejo transmitido pela linguagem, por suas falhas, tudo o que o sujeito não pode saber de si próprio.

No jogo significante (do desejo) o que se transmite é a falta no funcionamento dos sistemas dos significantes ordenados. Ao longo de sua análise e para poder dar significado à sua vida, o Sujeito se endereça a um Outro encarnado no analista suposto interlocutor que concordou em ser depositário de um pequeno resto que lhe pertencia (TEIXIDÓ, 2011).

Ao longo do seu processo de análise, em que apostou no saber do analista elevado à condição de Outro, o Sujeito vai vivendo a paulatina desconstrução de suas ficções fundamentais, rumo à verdade da sua castração, através de um discurso que oscila entre o “sem palavras” e aquilo que não pode ser dito.

Mas, como “o que vai ser tomado enquanto discurso, como conteúdo manifesto, revela algo do Sujeito, não necessariamente revela algo ao sujeito, (...) a psicanálise serve para refazer esse Sujeito, que não quer se incorporar na cadeia dos significantes, desprendendo-se de seus significantes particulares do desejo do Outro” (POLAK, s/d).

Operando na dimensão da transferência, o Sujeito fala, falha e revela que há uma verdade a ser revelada, *Aletheia*, aquela que nunca se revela por inteiro. Desconstruir a ficção de que tal verdade pode ser absolutamente revelada – o que provocaria um choque com o absoluto, com o real, com o *a* – é a dor crucial que atravessa o Sujeito ao longo do seu processo de mergulho no infinito iceberg do inconsciente, onde o saber se aloja sorrateiro.

Atravessado por essa falta, podendo já suportar a realidade de sua solidão enquanto Sujeito, o final da análise deixa cair o Outro destituído e na posição de resto.

Nossa atividade enquanto psicanalistas se baseia na assunção da perda, daquilo que provoca o efeito da perda. (LACAN, [1966] 2008, p.124). E, de fato, a presunção de uma aposta repousa em que, ao apostarmos, já estamos perdendo. Aquilo que está em jogo na aposta já não nos pertence. Uma palavra falada, não se recolhe jamais.

Segundo Lacan “... a aposta no início já estava perdida...” (LACAN, [1966]2008, p.123/124).

Paulatinamente desconstruído, o Outro concreto já não sabe...:, confrontado com sua falta, o Sujeito entra na posse de um saber sobre sua verdade que, mesmo assim, não se revela por inteiro. O Sujeito se confronta com sua solidão inexorável e, para sobreviver, inventa.

Entendo como fim de análise o tempo lógico de um Sujeito que, tendo se submetido a uma análise, emerge desta relação com o analista em posição de separação, sabendo que há um resto que cai (o próprio analista como objeto *a*, como no tempo da constituição do Sujeito), escancarando uma falta incontornável com a qual terá que se ver, e a qual passa a buscar preencher.

Na busca de um novo destino para sua falta, transferido à psicanálise, o Sujeito poderá assumir, ele próprio, o desejo de analista e se colocar no mesmo lugar de *semblant* de Outro para alguém, quando poderá apostar, de dentro do seu não saber, na emergência do inconsciente daquele que virá a lhe falar. E, para isso, “O psicanalista conta com o seu ser, seu dizer, seu inconsciente” (SMOLIANINOFF, 2012).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, João José R.L. O cantor do infinito, *in Pulsional Revista de Psicanálise* 7, ano XV, n. 159, jul./2012. Disponível em http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/159_01.pdf. Acesso em 13.08.2013.

FERNANDES, Francisco. Infinito Nada - o Apostar de Pascal. Disponível em <http://www.tempofreudiano.com.br/artigos/detalhe.asp?cod=65>. Acesso em 12.07.2013.

GUÈGUEN, Pierre-Gilles. A Gênese do “Grande Outro que não existe”. *In asephalus* Volume III, Número 5, Novembro de 2007 a Abril de 2008. Disponível em http://www.isepol.com/asephallus/numero_05/traducao_01.htm.

HAMANN, Marita. El Otro que no existe. Reflexiones en las “Noches de la biblioteca”, de la Biblioteca del Campo Freudiano de Lima. Disponível em http://www.iztacala.unam.mx/errancia/v6/PDFS_1/TEXTO%20LITORALES%207%20EL%20OTRO%20QUE%20NO%20EXISTE.pdf

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 1, Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1983.

_____. *O Seminário, Livro 2 O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

- LACAN, Jacques. Seminário 13, *El Objecto del Psicoanálisis*. Inédito.
- _____. *O Seminário, Livro 16, De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- _____. *O Seminário, Livro 17, O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.
- _____. *O Seminário, Livro 19... Ou Pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012.
- _____. *O Seminário, Livro 20, Mais, Ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- MALISKA, Maurício Eugênio. A essência da teoria psicanalítica é um discurso sem fala, mas será ela sem escrita? Disponível em <http://www.psicanalise.ufc.br/hot-site/pdf/Mesas/34.pdf>. Acesso em 08.09.2013.
- MILLER, Jacques-Alain. *El Otro que no existe e sus comités de ética*, / com colaboracion de Éric Laurent. Buenos Aires: Paidós, 2005.
- MOURÃO, Arlete. *Uma Aventura no Território da Falta*. Rio de Janeiro: Cia. De Freud, 2011.
- _____. Artigo Do saber à verdade: o percurso de uma análise?
- PASCAL, Blaise. Pensamentos in *Os Pensadores*, Rio de Janeiro: Victor Civita, 1973.
- PITTERI, Maria Bernadette Soares de Sant'Ana. Lacan e a Aposta de Pascal in *Opção Lacaniana online*, Ano 2, Número 7, março 2012, ISSN 2177-2673. Disponível em http://www.opcolacanianana.com.br/pdf/numero_7/Lacan_e_a_aposta_de_Pascal.pdf. Acesso em 08.08.2013.
- POLACK, Benjamín Hoezen. Lacan e el Outro. Disponível em <http://serbal.pntic.mec.es/~cmunoz11/lacan.pdf>. Acesso em 15.07.2013.
- RODRIGUES & CALDAS, Ana Paula Britto e Heloisa. A Inconsistência Lógica do Outro... ou o “Espírito da Psicanálise” in *Revista Affectio Societatis*, Vol. 9, Nº 17, diciembre de 2012. Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia, Medellín, Colombia. Disponível em dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4207742.pdf. Acesso em 09.08.2013.
- SMOLIANINOFF, Rita. Considerações sobre o Ato Psicanalítico no Tratamento da Psicose. Apresentado no Simpósio de Recife de Intersecção Psicanalítica do Brasil, 01.09.2012.
- TEIXIDÓ, Araceli. El Otro existe o no existe? Reflexiones acerca del Otro que no existe y el Otro que no se encarna. Disponível em <http://www.cdcelp.org/docs/Otroexistenoexiste.pdf>. Acesso em 11.07.2013.